

David Pinho Barros

Trinta estampas e um panda:
Algumas notas sobre *Grande Urso-Gato*

Painel em pvc



© David Pinho Barros (a partir de estampas populares do século XIX)

Grande Urso-Gato é uma resposta possível ao tema desta edição do projeto “A Montra”: *tudo o que temos: “um pálido ponto azul”*. Retrata um tempo em que o pálido ponto azul que habitamos tinha ainda regiões por cartografar, e em que a sede da descoberta do desconhecido alimentava, em parte, o impulso expedicionário da Europa. A história é uma reescrita fantasiosa de um destes ímpetus de audácia, o da descoberta do panda-gigante, em 1869, pelo Padre Armand David, um episódio tão triste quanto o destino dos primeiros espécimes avistados pelo clérigo francês: mortos a tiro por caçadores chineses, dissecados, fechados em caixotes e expedidos para estudo em Paris.

O jovem Colin, protagonista de *Grande Urso-Gato*, não é religioso nem zoólogo como David, mas, tal como ele, pratica uma forma de espiritualidade, a da crença no jogo, e uma atividade dedicada aos animais, relacionada com a sua profissão: a de responsável pelos mamíferos de grande porte utilizados nas celebrações de estado da Terceira República. Tanto uma como outra são trabalhadas nesta banda desenhada de trinta vinhetas, em estreita ligação com o suporte de arquivo que a sustenta: o das estampas populares e edificantes do século XIX, cortadas e reenquadradas para servirem a crónica das aventuras picarescas de Colin.

Por um lado, a dimensão lúdica era, com efeito, uma inclinação comum neste tipo de imagem, sobretudo nas estampas de Épinal que, a partir de finais do século XVIII e pela mão de Jean-Charles Pellerin, se tornaram ubíquas no território francês. Estas xilogravuras vendidas porta a porta por caixeiros-viajantes, a par dos conteúdos fabulísticos, religiosos e documentais que



frequentemente acolhiam, transformavam-se por vezes em tabuleiros de jogo, convidando os seus utilizadores a recreações, ora pueris, ora envolvendo dinheiro. Alguns dos jogos já eram conhecidos em formatos anteriores, outros eram criados propositadamente para estas estampas de vasta divulgação e compostos com cores vibrantes e formas geométricas cuidadosamente dispostas.

Por outro lado, os animais exóticos, cujas representações visuais já circulavam na Europa em livros ilustrados e em brinquedos óticos como a lanterna mágica, conquistaram igualmente um lugar de particular destaque nas estampas populares, sendo desenhados tanto no seu habitat natural como nos jardins zoológicos europeus. Veja-se a série de estampas “Animaux divers”, publicada entre 1879 e 1892, onde vacas convivem com jaguares e galos com gazelas, ou a catalogação dos animais exóticos na prancha “Animaux divers du Jardin des Plantes”, de 1854, conservada na Bibliothèque nationale de France, que coloca numa bizarra confraternização os animais selvagens na savana africana com outros enclausurados em recintos parisienses.

Colin, cuja história é contada com recurso a estas ilustrações oitocentistas lúdicas e animalistas, é um exímio jogador, e vive segundo a sorte que os desafios lhe ditam. É precisamente uma incomum fortuna que o coloca no encalce do panda-gigante, e que lhe oferece, ao longo da sua viagem ao Oriente, um convívio próximo com os animais exóticos, pautado por uma irrealista bonomia. *Grande Urso-Gato* está, assim, mais ancorado no século XIX pelas formas e funções das imagens do que pelos seus substratos ideológicos: Colin vive a História através de uma espécie de exercício de *wishful thinking*, de acidental correção das violências do passado cometidas em nome de uma ideia de avanço civilizacional. E termina a sua jornada ensonado, partilhando o descanso de forma calma, terna e utópica com o enorme *Ursus melanoleucus*.

[David Pinho Barros (Porto, 1986) é professor, investigador e curador nas áreas da literatura, do cinema e da banda desenhada. É licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto, mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, doutor em Literatura pela KU Leuven e doutor em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Universidade do Porto, com uma tese elaborada em cotutela entre as duas instituições. Desde 2008, trabalhou na curadoria e produção de exposições e eventos cinematográficos em Portugal, na Bélgica, no Reino Unido e no Brasil, e deu aulas de história e análise de cinema e de banda desenhada na Alliance Française, na Universidade do Porto, na Universidade do Minho, na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade Católica Portuguesa. É investigador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e, desde 2021, professor auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde integra o Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos. Entre outras publicações dedicadas ao cinema e às artes sequenciais, é autor da monografia *The Clear Line in Comics and Cinema: A Transmedial Approach*, publicada pela Leuven University Press. É também perito externo da Comissão Europeia, trabalhando como avaliador dos programas Creative Europe e COST.]

